
A ética dialógica de Martin Buber no contexto da sociedade tecnológica

Alexandre Matias SILVA¹

Resumo: O objetivo da presente análise é a realização de uma investigação sobre a ética do diálogo do filósofo de Viena Martin Buber. A ética como área da filosofia se ocupa em produzir uma reflexão crítica sobre o agir humano. Em tempos de forte pragmatismo, dominado pela tecnologia, a ética buberiana acena para a relação do homem com seu semelhante, com o mundo e com Deus a partir de uma perspectiva dialógica. O atual cenário industrial e tecnológico interfere nas relações humanas, portanto na moral vigente, contexto apropriado para obra de Martin Buber, em especial seu livro *Eu e Tu*, de 1923, conteúdo que fornece o principal referencial teórico da pesquisa. A presente pesquisa se baseia em primeiro plano na literatura de Martin Buber, além de outros pensadores éticos convergentes à ética de Buber, que permitem uma reflexão no campo da ética, da alteridade dentro do contexto tecnológico. Em conclusão, Martin Buber nos convida para uma verdadeira dialética entre os mundos Eu-Tu e Eu-Isso, não se excluem.

Palavras-chave: Ética. Alteridade. Diálogo. Tecnologia. Filosofia Moral.

¹ **Alexandre Matias Silva.** Mestre em Filosofia Política pela Universidade São Judas Tadeu. Licenciado em Filosofia pelo Claretiano – Centro Universitário. Bacharel em Direito pela Universidade Cruzeiro do Sul. Professor na Faculdade Carlos Drummond de Andrade. *E-mail:* <professormatias@bol.com.br>.

The dialogical ethics of Martin Buber in the context of the technological society

Alexandre Matias SILVA

Abstract: The purpose of this analysis is to conduct an investigation into the ethics of dialogue of the Vienna philosopher Martin Buber. Ethics as an area of philosophy is concerned with producing a critical reflection on human action. In times of strong pragmatism, dominated by technology, Buberian ethics beckons to the relation of man to his neighbor, to the world and to God from a dialogical perspective. The current industrial and technological scenario interferes in human relations, therefore in the current morality, appropriate context for the work of Martin Buber, especially his book *I and Thou* of 1923, content that provides the main theoretical reference of the research. The present research is based primarily on Martin Buber's literature, as well as other ethical thinkers convergent to Buber's ethics, which allow for a reflection in the field of ethics, of alterity within the technological context. In conclusion, Martin Buber invites us to a true dialectic between the I-Thou and I-It worlds not exclude.

Keywords: Ethics. Otherness. Dialogue. Technology. Moral philosophy.

1. INTRODUÇÃO

Desde de Platão e seu *Crátilo* na Grécia, já é possível perceber a importância dada à linguagem e seu papel transmissor de esclarecimento entre os homens. Assim, é possível afirmar que o diálogo entre os homens permitiu a formação de comunidades, bem como o desenvolvimento das técnicas necessárias entre eles, pois a comunicação implica a produção do discurso, do diálogo e possibilita entendimento.

Em tempos de forte apelo tecnológico, é oportuna uma profunda reflexão sobre a importância que exerce a obra dialógica dentro da perspectiva filosófica de Martin Buber (1878-1965), filósofo austríaco radicado na Alemanha e professor na Universidade de Frankfurt. Profundo pensador da relação entre as pessoas, Deus e o mundo, demonstra isso em suas diversas obras, em especial no livro *Eu e Tu*, publicado em 1923.

A questão do diálogo e do discurso não se trata de um tema novo na filosofia, uma vez que essa investigação tem sido feita desde Platão chegando até os contemporâneos Emmanuel Levinas, Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel, para citar alguns autores.

A atualidade e a forte tecnologia que também a caracteriza têm possibilitado ao homem estar em contato com um mundo completamente diferente do de nossos antepassados. Assim, é possível pensar que os avanços tecnológicos das últimas décadas atingem o homem, seu comportamento, e seu modo de agir e de pensar. Dessa forma, compete à ética questionar e investigar a relação entre o comportamento humano dentro desse contexto tecnológico que a influencia.

Assim, o presente artigo investigará a ética do diálogo em Martin Buber, especificamente no contexto da sociedade tecnológica e industrial, buscando, a partir da obra do filósofo austríaco, refletir sobre a relação entre os homens, bem como entre o homem e o mundo que o cerca. Para tanto, faremos um artigo de revisão bibliográfica a partir da obra dialógica de Martin Buber, que nos servirá de referencial teórico.

2. ÉTICA

O tema da ética e da moral entra para o cenário filosófico com o filósofo grego Sócrates, precursor em trazer a reflexão sobre o agir humano para dentro do campo da filosofia no século IV a.C., como é possível ler nos diálogos de Platão. Posteriormente, a ética é amplamente trabalhada pela pena de Aristóteles ([s.d.]) em suas três éticas, a saber, *Ética a Eudemo*, *Ética a Nicômaco* e *Magna Moralia*.

Assim, é possível afirmar que a ética é fruto da criação grega, ao menos em sua forma mais estruturada e dentro de uma perspectiva filosófica, com Sócrates, Platão e Aristóteles.

A tradição filosófica posterior prestou grandes contribuições à ética desde os primórdios da filosofia até chegar aos contemporâneos, que lhe dão um caráter prático na sociedade.

Como criação grega, a ética se relaciona com a reflexão sobre o agir humano e, na perspectiva aristotélica, o termo se associa às virtudes morais. Em sua etimologia, a palavra ética nos remete a *ethike*, derivada do substantivo *éthos*, que indica a conduta humana. Nesse sentido, esclarece Roger-Pol Droit (2012, p. 14):

[...] Porque *éthos*, em grego, pode significar também o “caráter” de uma pessoa, a maneira como ela “habita o mundo” em função de suas disposições naturais. *Éthos* significa igualmente os “costumes”, as maneiras de se comportar numa determinada sociedade, numa determinada época. Nesse caso, é portanto a maneira como vivem os homens, os costumes que observam, os tipos de regras que seguem, as leis sob as quais vivem.

Pensadores profundos também se dedicaram a problematizar questões éticas e até a contestar a moral, tais como Immanuel Kant e Nietzsche. Kant foi um ardoroso defensor de um agir moral movido inteiramente pelo senso de dever quando formulou seu imperativo categórico. Por outro lado, Nietzsche e seu martelo procuraram demolir a moralidade advinda da nossa herança socrática.

É importante destacar a estreita relação entre ética e moral desde os tempos gregos, que é mais bem esclarecida na contempo-

raneidade. Enquanto a ética constitui uma reflexão teórica sobre o agir humano, a moral constitui as ações praticadas ou agir propriamente dito.

Vê-se, portanto, que não há rigorosa e universal distinção no emprego dos termos. Yves de La Taille, por exemplo, toma por critério outro tipo de distinção: a convenção mais adotada para diferenciar o sentido de moral do de ética é reservar o primeiro conceito para o fenômeno social, e o segundo para a reflexão filosófica científica sobre ele (TAILLE, 2006 apud BROCHADO, 2009, p. 63).

Ainda nessa perspectiva, Leonardo Boff (2000) fornece um interessante painel acerca da distinção entre ética e moral:

Em outras palavras: o *ethos* não é algo acabado, mas algo aberto a ser sempre feito, refeito e cuidado como só acontece com a moradia humana. *Ethos* se traduz, então, por ética. (...). Esses meios também eram chamados de *ethos*, mas escrito com E grande (o epsilon, em grego). Ele significa os costumes, vale dizer, o conjunto de valores e de hábitos consagrados pela tradição cultural de um povo. *Ethos* como o conjunto dos meios ordenados ao fim (bem, auto-realização) se traduz comumente por moral (BOFF, 2000, p. 35-36).

Importante autor no campo da ética, Adolfo Sánchez Vázquez (1985), em sua *Ética* (1985), cria um cenário onde procura diferenciar a ética da moral; para tanto, chama a ética de “teórico-ético” e a moral, identificada com o agir propriamente, de “prático-moral”.

Voltando nossa atenção para o campo da ética, entendida como uma reflexão crítica sobre o agir humano (moral), Vázquez afirma que o problema do qual se ocupa a ética é definir o que é o bom, lembrando que tal definição não é simples, uma vez que deverá levar em consideração a complexidade da vida, bem como a variação que os valores e condutas morais sofreram ao longo dos tempos, assim a ética não se reduz à atividade meramente normativa, pois segundo o autor:

O problema do que fazer em cada situação concreta é um problema prático-moral e não teórico-ético. Ao contrário, definir o que é o bom não é um problema moral cuja solução caiba ao indivíduo em cada caso particular, mas um

problema geral de caráter teórico, de competência do investigador da moral, ou seja, do ético (VÁZQUEZ, 1985, p. 7-8).

Dessa forma, é possível afirmar que a ética constitui uma reflexão sobre o agir humano ou, no dizer de Vázquez (1985, p. 10): “[...] a ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral”.

A ética como reflexão se torna importante quando o indivíduo está diante de escolhas em liberdade e sociedade. É justamente nesse contexto ético que a filosofia dialógica de Martin Buber pode se tornar apropriada.

Como comentado, temas relacionados à linguagem, como o diálogo, a comunicação, a alteridade e os signos, há muito mereceram especial atenção da filosofia e dos filósofos, uma vez que são construções humanas e, portanto, estão inseridos em nossa realidade.

A ética ao cumprir sua tarefa reflexiva acerca do agir humano deve investigar o papel e a eventual importância do diálogo em Buber na construção de uma moral que possua valores humanitaristas e, portanto, mais construtivos.

3. MARTIN MORDECHAI BUBER

O filósofo Martin Buber (1878-1965) representa um importante momento da filosofia do diálogo, como se convencionou chamar.

Nascido em Viena, judeu de nascimento e defensor do diálogo, Buber também se dedicou às reflexões teológicas, sendo, além de filósofo, professor universitário e escritor. Sentindo os efeitos da perseguição nazista na Europa dos anos 1930, instalou-se na Palestina, lá residindo até seu falecimento em 1965.

Martin Buber entra para a Universidade de Viena estudando Filosofia e História da Arte, doutorando-se em filosofia em 1904 na Universidade de Berlim. Em 1923, torna-se professor de História

das Religiões e Ética Judaica na Universidade de Frankfurt, permanecendo nesse cargo até 1933, quando foi retirado pelos nazistas.

É importante destacar que os estudos e escritos de Buber vão tratar de temas ligados à Bíblia, hassidismo, judaísmo, filosofia, sociologia, política e educação.

De sua obra, o presente artigo usará como referencial teórico duas produções que abordam questões dialógicas e do diálogo; no caso, *Do diálogo e do dialógico* e o clássico *Eu e Tu*, livros nos quais a filosofia dialógica se manifesta como reflexão ética.

A obra dialógica de Martin Buber pode ser situada dentro do espectro que vai da antropologia filosófica, na medida em que problematiza a figura do homem, até a ética, uma vez que também reflete sobre o agir humano.

A filosofia do diálogo e da relação procura refletir sobre o sentido da existência humana e sua relação com o mundo. O pensamento filosófico de Buber sofreu profunda influência de sua religiosidade, no caso sua condição de judeu, como é perceptível em seus textos.

É importante destacar que Martin Buber não foi um pensador enclausurado em seu saber, mas foi um ativo membro de sua comunidade judaica e um incentivador do diálogo em suas relações pessoais e políticas, não raro encontrando resistências, uma vez que a prática dialógica pode representar uma complexa construção e não uma realidade pronta e à disposição.

A obra de Buber se situa em dois períodos distintos, uma fase alemã e outra após sua chegada a Israel. Contudo, toda sua obra posterior a *Eu e Tu* (BUBER, 1923) praticamente gira em torno desse clássico texto dialógico, não sendo desnecessário afirmar que essa obra tardia também é uma maneira adequada de melhor compreender seu *Eu e Tu*.

Apesar de se tratar de uma obra próxima a completar um século, é possível pensar que *Eu e Tu* pode ser contextualizada para o cenário atual e fornecer reflexões absolutamente atuais, ainda que as relações sejam em parte diferentes da década de 1920, quando

foi escrita, em especial pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia e suas conexões com as relações inter-humanas.

Assim, como toda a filosofia, o pensamento de Martin Buber se insere no campo da ética, ainda que esse autor tenha rejeitado catalogações, portanto sua filosofia é atemporal, permitindo ao leitor uma profunda reflexão sobre o homem e suas relações com o seu semelhante, o mundo e com Deus.

4. A SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Muito se produziu sobre o avanço da tecnologia e sua influência na sociedade e no homem. A filosofia em particular produziu relevantes reflexões com Jean-Jacques Rousseau (1983), no século XVIII, e, mais recentemente, com Hans Jonas (2006) e os pensadores ligados à Escola de Frankfurt, para citar alguns.

Assim, seus aspectos positivos e negativos não escaparam da análise de filósofos e de suas filosofias, uma vez que a tecnologia avançou poderosamente nos últimos 100 anos como nunca houvera ocorrido na história da humanidade, o que certamente cria interferências no campo da ética, da política, do direito, da economia, bem como da própria ciência. É possível pensar que tais avanços também modificaram a maneira como o homem passou a se relacionar com seu semelhante e com o próprio mundo que o cerca.

A sociedade tecnológica tem seus primórdios em fins do século XVIII, quando, na Inglaterra, surge a Revolução Industrial. Ao longo dos séculos e em sua quarta geração, como se conveniu chamar atualmente, está ligada à indústria da tecnologia, com a fabricação de itens tais como tecnologia digitais, modernos aparelhos de telefonia móvel, conectividade, entre outros. Esse cenário além de interferir drasticamente na produção desses bens, na economia, no consumo e no meio ambiente, também interferiu nas relações inter-humanas.

Dentro dessa perspectiva onde a tecnologia atual se expandiu de maneira crescente possibilitando novas maneiras de interação e diálogo, a exemplo das mídias sociais e telefonia móvel, impulsio-

nadas pela difusão e popularização da internet, Martin Buber e sua filosofia do diálogo se tornam apropriados para problematização dessa realidade social a partir da perspectiva dialógica.

Entendemos ser posturas pouco reflexivas categorizar entre os dois extremos o papel da tecnologia, ou seja, dos malefícios completos à defesa incondicional da tecnologia por se tratar de uma questão complexa que, ao longo da história da filosofia, tem merecido atenção e estudos. Assim, Buber e sua obra podem colaborar para uma análise do homem e suas relações.

Dessa forma, a mudança no cenário tecnológico e suas possíveis interferências no cenário social e moral das últimas décadas podem ser problematizadas à luz da ética buberiana, em especial da clássica obra *Eu e Tu* (BUBER, s.d.), na medida em que, partindo da noção dialógica, faz um estudo do homem e suas relações com o outro, com a natureza e com Deus.

5. A PALAVRA-PRINCÍPIO

Eu e Tu constitui uma obra complexa e, em certos momentos impenetrável; foi escrita com grande beleza e em linguagem até certo ponto hermética. O livro trabalha temas ligados ao diálogo, filosofia, antropologia e teologia e possui certas passagens que, para um leitor pouco habituado a Buber, tornam difícil tarefa a compreensão imediata. O texto por vezes soa poético ou teológico, praticamente convidando o leitor a construir também uma relação dialógica com ele como forma única de superar suas passagens herméticas.

Em toda a sua extensão, o texto faz uso de certos termos, os quais Buber denominou palavras-princípio, que formam dois pares e identificam maneiras distintas de interagir com a realidade circundante. Para tanto, Buber ([s.d.]) apresenta a palavra-princípio *Eu-Tu* e outro par, *Eu-Isso*, sendo que o primeiro par goza de certa primazia pelo autor, como explicou:

A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem

mim. O EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU. Toda vida atual é encontro (BUBER, [s.d.], p. 13).

A palavra-princípio permite a compreensão da dualidade a que está submetido o homem através dos pares Eu-Tu e Eu-Isso. Nesse sentido, a partir dessas palavras-princípio, Buber ([s.d.]) constrói sua ética de encontro ou do diálogo.

É possível pensar que a dualidade Eu-Tu e Eu-Isso vai muito além de expor duas maneiras distintas de relacionar-se com o confrontante, na medida em que essa problematização permite uma verdadeira antropologia do homem como ser social e dialógico. Para Buber ([s.d.]), o homem é um ser dialogal e a modalidade Eu-Tu possibilita o encontro, a reciprocidade e o fenômeno inter-humano, em que o homem pode enfim tornar-se pessoa, questões caras ao autor. Assim, o Tu permite que eu seja de fato pessoa, ou seja, o Eu.

Para melhor adentrar o pensamento de Buber, necessário se faz um certo aprofundamento nas palavras-princípio e seu sentido. Assim, Eu-Tu remete à ideia de “relação”, portanto ontológica, enquanto Eu-Isso a “relacionamento”, portanto reforça a ideia de conhecimento e uso. A palavra-princípio Eu-Tu é um convite ao movimento dialógico, ao ontológico, ao encontro, à reciprocidade e à totalidade; como bem afirmou Buber ([s.d.], p. 3): “A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade”. Em sentido diverso, a palavra-princípio Eu-Isso remete ao cognoscível e ao egótico, pois, nas palavras de Buber ([s.d.], p. 4): “A palavra-princípio EU-ISSO não pode jamais ser proferida pelo ser em sua totalidade”.

Dessa forma, é possível pensar que o autor procura dar a medida dessa dualidade entre as duas palavras-princípio por suas diferenças. Contudo, não é possível afirmar que o mundo do Isso por si constitua um lado perverso, apenas se trata de uma forma menos relacional ou, nas palavras de Buber ([s.d.]), gera apenas o relacionamento, algo mais limitado e não ontológico.

A relação Eu-Tu não se limita apenas ao encontro com pessoas, mas também pode ocorrer com demais entes, inclusive o absoluto (Deus), questão tratada na terceira parte de seu *Eu e Tu*.

O relacionamento Eu-Isso é limitante e está vinculado à experimentação, à coerência e à rigidez dessa experiência. Por seu turno, a relação Eu-Tu é recíproca, vinculada à totalidade e à fugacidade que o encontro dialógico permite.

A antropologia filosófica de Martin Buber procura pensar o homem como um indivíduo que se relaciona por natureza (Eu-Tu), ser dual em sua concepção que pode desenvolver o encontro, a relação, porém também pode manter com o outro um relacionamento de exploração, coisificado (Eu-Isso).

Assim, as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso vão cumprindo seu papel na vida humana, vistos tanto a relação (domínio do Eu-Tu) como o relacionamento (Eu-Isso) formando uma verdadeira dialética na vida humana, como bem afirmou Buber ([s.d.], p. 38):

O mundo do TU não tem coerência nem no espaço nem no tempo. Cada TU, após o término do evento da relação deve necessariamente se transformar em ISSO. Cada ISSO pode, se entrar no evento da relação, tornar-se um TU.

Dentro dessa reflexão trazida por Buber ([s.d.]), na qual o homem está sujeito a dois modos de ação, de certa maneira cada um a seu modo contribui para sua evolução na medida em que necessariamente não se anulam. Se a relação Eu-Tu representa o encontro dialógico na totalidade, o relacionamento Eu-Isso representa a objetividade e coloca o Eu na condição daquele que experimenta, tudo de forma coerente e ordenada, situação comum no relacionamento com o mundo da tecnologia, das ciências e das novidades.

Rousseau (1983) construiu uma vigorosa crítica às ciências e às artes; ainda assim não defendeu sua extinção ou a volta à vida primitiva, mas chamou a atenção à dependência extrema da ciência e aos danosos efeitos na formação do homem do século XVII. Rousseau (1983) chamou a atenção à maneira de se relacionar com as ciências e as artes. Nessa mesma perspectiva, é possível pensar que a dimensão Eu-Isso guarda semelhanças com a crítica de Rousseau (1983), pois, nas palavras de Buber ([s.d.], p. 39): “E com toda

seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem”.

Dessa forma, se considerarmos o mundo do Isso dentro do atual contexto social e sobretudo tecnológico, no qual o homem está rodeado de toda sorte de ofertas e novas demandas e no qual necessidades são criadas a cada dia, o relacionamento Eu-Isso, que é objetivante e convida à experimentação, não deve ser totalizante, fazendo com que o homem ignore a relação ontológica e dialógica que somente pode acontecer na totalidade, permitindo que o indivíduo seja de fato um ser, indo além da experimentação e instrumentalização comum da perspectiva Eu-Isso, pois, no dizer de Buber ([s.d.], p. 3): “A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade”. Assim, a relação Eu-Tu se dá na totalidade e permite ao homem a imersão no outro, sem qualquer intenção de controle e manipulação.

Essa dialogicidade buberiana somente é possível na medida em que o Eu pode de fato experimentar o Tu, quer seja outra pessoa, a natureza ou o Tu absoluto, Deus. Dessa forma, o dialógico pode criar o encontro inter-humano.

A beleza do inter-humano reside no fato de o homem, através da atitude dialógica, poder se relacionar com seu semelhante, expressando sua humanidade e sem qualquer barreira se fazer indivíduo na medida que se comunica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de uma sociedade marcada por profundas contradições sociais e econômicas, na qual o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas superou os avanços alcançados nos últimos séculos, a ética dialógica de Martin Buber se torna bastante apropriada.

Não se trata de negar a existência do mundo da experiência, do avanço tecnológico e das técnicas, inseridas na perspectiva do Isso. Por outro lado, defender apenas a existência da relação Eu-Tu, focada no encontro, equivaleria a negar a força da obra de Buber,

o homem profundamente mergulhado na realidade e nas complexidades, sempre pronto a interagir com as duas dimensões existentes, Eu-Tu e Eu-Isso em suas vivências.

Parece mais apropriado fazer como Buber e reconhecer a dialética existente entre as palavras-princípio EU-TU e EU-ISSO e até certa comunhão entre ambas. O homem certamente não poderá viver unicamente apenas em uma dessas perspectivas; não será possível fiar-se no mundo do Isso, pois certamente se coisificará, não viverá a totalidade e se perderá no pragmatismo das relações com os outros, com o mundo que lhe cerca e com Deus, pois no dizer de Buber ([s.d.], p. 39): “E com toda seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem”.

Em face a todo cenário industrial e tecnológico e suas profundas relações com os indivíduos tão bem estudados pela Escola de Frankfurt, a palavra-princípio Eu-Tu figura-se como um convite ao inter-humano e ao transcendente, um verdadeiro mergulho em questões sérias e caras ao ser humano. O mundo industrial, da técnica e da tecnologia constitui uma realidade e certamente produziu avanços significativos ao homem, mas o relacionamento desse mundo (Isso) com o homem (Eu) não poderá transformá-lo em homem, não poderá suscitar sua melhor porção, pois não é ontológico e, portanto, apenas lhe proporciona conhecimento e experiências. Como bem observou Buber, ainda assim o mundo do Isso possui a sua utilidade. Nessa perspectiva, as palavras de Bartholo Jr. (2001) podem ser apropriadas:

O fundamento de Eu e Tu, a obra principal de Martin Buber, não são conceitos abstratos, é a própria experiência existencial se revelando. Não se trata de uma obra de metafísica ou de teologia sistemática. Nela encontramos uma fenomenologia da palavra e uma ontologia da relação que fundamentam uma antropologia e uma ética do inter-humano (BARTHOLO JR., 2001, p. 78-79).

Contudo, somente o caminho dialógico possibilita a alteridade, o encontro, e até o amor entre o Eu e o Tu, em que o ser de fato se humaniza, em sua totalidade. A obra de Buber constitui um documento histórico na construção de uma sociedade do diálogo, do

encontro e do entendimento, sem desprezar a existência da técnica e da experiência.

Assim, é possível reconhecer a atualidade da reflexão trazida por Buber a partir de sua obra *Eu e Tu*, de 1923, convidando-nos a pensar numa verdadeira dialética entre dois modos de agir, que necessariamente não se excluem, mas se interligam; porém, nunca é demais reforçar que o indivíduo encontra a possibilidade de ser Eu apenas no encontro com seu Tu, encontro esse que ocorre na relação dialógica.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A ética*. Tradução de Cássio M. Fonseca. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S. A., [s.d.].

BARTHOLO JR., R. S. *Você e Eu: Martin Buber, presença palavra*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BOFF, L. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

BROCHADO, M. Prolegômenos à ética ocidental. *Revista do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais*, v. 73, n. 4, p. 61-74, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://revista1.tce.mg.gov.br/Content/Upload/Materia/637.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

BUBER, M. *Eu e Tu*. Tradução e Introdução de Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, [s.d.].

DROIT, R. P. *Ética: uma primeira conversa*. Tradução de Anália Correia Rios. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

ROUSSEAU, J. J. *Os pensadores*. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. Tradução de João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985.